

‘Existe uma filha antes e uma filha depois do crime’

Violência contra a mulher deixa marcas profundas em quem fica



Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

Ilaine Zimmer Bervian estava sorridente na noite do dia 20 de agosto de 2024. Era seu aniversário de 50 anos. Junto da família e dos amigos, ela celebrava na sua cidade, Palmeira das Missões, na Região Norte do Rio Grande do Sul, meio século de vida. “Ela estava radiante”, conta sua filha, Rafaela (nome fictício). O que ninguém esperava é

que a comemoração terminaria em uma tragédia que abalaria a vida de todos à sua volta.

Na madrugada, Ilaine teve uma discussão com Rivelino, um ex-namorado com quem havia reatado alguns meses antes e decidido voltar a dividir não apenas a vida, mas também a casa.

O homem ateou fogo nela. Com 70% do corpo queimado, foi internada em Porto Alegre, onde permaneceu em coma induzido por 66 dias, até morrer. O agressor, preso no mesmo dia, suicidou-se na prisão no dia seguinte.

Para Rafaela, a violência não terminou com a morte da mãe. O

feminicídio impactou profundamente sua vida, deixando marcas no presente. “Existe uma filha antes e uma filha depois do crime. Nunca vai voltar a ser como era. Isso destrói uma família. É muito diferente de outros tipos de morte, porque gera muita raiva, muita indignação e culpa. Faz a gente se perguntar se poderia ter feito algo”, lembra.

A jovem tinha 28 anos quando perdeu a mãe. O irmão, 23. Quatro anos antes, em 2020, os dois já haviam enfrentado a morte do pai, vítima de câncer. A perda de Ilaine, porém, trouxe um sofrimento de outra natureza: além do luto, a família precisou lidar com a violência



Ilaine Bervian foi vítima de feminicídio na noite que completou 50 anos

que ela sofreu, com as perguntas sem respostas e com a percepção de que talvez alguns sinais pudessem ter sido reconhecidos antes.

Hoje, Rafaela faz tratamento psicológico e psiquiátrico para depressão e transtorno de estresse pós-traumático. “Todo mundo aqui já esqueceu. Todos seguiram adian-

te. Mas nós da família não temos um dia em que não lembremos do que aconteceu. Foi desumano ver tudo o que ela passou. Meus avós são falecidos, mas penso muito em como seria se eles fossem vivos. Como viveriam um pai e uma mãe que perderam uma filha assim. É tão difícil”, afirma.

Os sinais que não foram reconhecidos

Antes de voltar com Rivelino, Ilaine havia terminado o relacionamento. E alguns sinais já estavam aparecendo. “Ela nos contou que ele era muito ciumento. Tinha ciúmes até do meu marido e dos cunhados. Era controlador. Não queria que ela fizesse as coisas dela e tudo mais. Um dia, quando eles estavam indo para um baile, ele falou que, se ela não se comportasse no baile, arrastaria ela pelos cabelos. Eu queria fazer um boletim de ocorrência, já que é uma ameaça. Mas ninguém via como uma ameaça”, conta Rafaela.

Após um período separados, os dois reataram e foram morar juntos. A mãe garantiu à filha que o companheiro havia prometido mudar. Rafaela, embora não concordasse com a decisão, procurou respeitar a escolha. Estabeleceu, porém, que não conviveria com ele. A relação entre mãe e filha acabou se distanciando.

Mas, de longe, apesar da ameaça anterior, não pareciam existir motivos para preocupação. “Teve um dia que estávamos indo para a casa da minha avó e voltei com minha mãe de carro. O telefone dela começou a tocar e vi que era ele. Ela não atendeu, mas vi que começou a acelerar, já era um sinal de

medo. Mas só hoje tenho esse raciocínio. Na época, eu não associava. Eu via ela feliz e pensava: que bom que ele está fazendo ela feliz”, conta Rafaela.

A filha também lembra que Ilaine parecia feliz nas ocasiões em que se encontravam. Na noite do aniversário, por exemplo, Rafaela não imaginava que a mãe estivesse vivendo uma situação de violência.

Mas havia quem soubesse que havia problemas na relação. “Depois do que aconteceu, vieram colegas de trabalho dela contar um monte de coisa. Mas aí já não dava para fazer nada. Falaram que ele a ameaçava. Que ela tinha tentado terminar a relação duas vezes, mas ele prometeu mudar e minha mãe acreditou. Uma vez, ele chegou a estuprar ela, e ela chegou chorando no serviço. Foram várias histórias. Elas me conheciam e podiam ter me falado antes para que eu pudesse fazer algo. Elas também não fizeram nada”, desabafa Rafaela.

Isso já era um indicativo, explica o advogado criminalista Juarez da Silva: “Muitas vezes, os primeiros sinais aparecem na mudança de comportamento da mulher. Ela começa a se afastar da família e dos

amigos, demonstra medo do companheiro, precisa justificar onde está ou com quem fala, perde autonomia sobre dinheiro, celular, roupas ou rotina e passa a conviver com humilhações, ameaças ou controle constante. Também merece atenção quando ela começa a justificar repetidamente o comportamento do agressor, minimizar situações que antes consideraria graves ou demonstrar medo das consequências de contrariá-lo”.

Para o jurista, é importante compreender que a violência não se restringe às agressões físicas. Ameaças, humilhações, violência sexual, perseguição e controle da rotina também podem fazer parte de um relacionamento abusivo. Em situações assim, familiares e amigos podem ajudar a romper o isolamento, desde que ofereçam apoio sem julgamento e evitem atitudes que aumentem o risco para a vítima.

A tentativa de terminar a relação, por exemplo, exige atenção especial quando existe histórico de ameaças e controle. Por isso, o advogado ressalta que não é necessário esperar uma agressão ainda mais grave para reconhecer que uma mulher pode estar em perigo.

Quem acolhe os familiares?

Mesmo diante das consequências psicológicas, Rafaela afirma que não recebeu procura ou orientação de serviços públicos após o crime. Ela buscou acompanhamento por conta própria, na rede particular. “Eu penso, quem não tem condições, como lida com isso?”, passou a se questionar.

Embora canais como o Escuta Lilás (0800 541 0803), o Ligue 180 e a Brigada Militar, pelo telefone 190, sejam conhecidos para denunciar a violência, ainda há pouco conhecimento sobre o acolhimento a familiares. Silva explica que, quem permanece, pode precisar de atendimento psicológico, assistência social e orientação jurídica, especialmente quando presenciam a violência, acompanham uma internação prolongada ou passam a conviver com sentimentos de culpa e impotência.

Filhos podem crescer em ambientes de medo e tensão; pais, irmãos e outros parentes podem mudar suas rotinas, assumir responsabilidades e até sofrer ameaças do agressor. Mesmo quando não são vítimas diretas das agressões, essas pessoas também podem precisar de apoio especializado.

Uma das possibilidades é o atendimento nos Centros de Referência Especializado de Assistência Social (Creas). Mas há outras alternativas, como buscar as Unidades Básicas de Saúde (UBS), que podem fazer encaminhamentos para atendimentos psicológicos, ou, diretamente, os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), sem agendamento para o primeiro acolhimento.

No Rio Grande do Sul há o projeto Vidas que Ficam, da Defensoria Pública. Em parceria com o Instituto Contemporâneo, ele prevê atendimento psicoterapêutico especializado a crianças e adolescentes órfãos de feminicídio e a seus cuidadores.

*Esta é a segunda matéria de uma série que aborda a realidade da violência contra a mulher no Rio Grande do Sul.

Paulo Roberto Falcão diz que a persistência alinha esporte à vida empreendedora

/ GESTÃO

A meta de debater liderança, estratégia e colaboração coletiva a partir das experiências do esporte, somado à sua aplicação no am-

biente dos negócios, esteve em pauta para repensar a maneira como são lideradas as empresas gaúchas nos dias atuais. Na avaliação do ex-jogador de futebol, ídolo do Inter e da Roma, Paulo Roberto Falcão,

o sucesso, normalmente, em uma carreira de visibilidade, esconde e deixa em segundo plano o caminho que foi traçado. “Para chegar onde é necessário, tem de passar por diversos obstáculos. Em qualquer ativi-

dade será preciso atravessar coisas difíceis”, avalia.

Conforme Falcão, o que une os aprendizados adquiridos por meio do esporte com a vida empreendedora é o ato de persistir. “É preciso

persistência para aprender e construir uma boa fase em qualquer atividade, para alcançar os objetivos. Falcão foi o convidado do Menu Poa, realizado ontem pela Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA).